

PREFÁCIO

Galopim, Mestre das Pedras e das Palavras

Não me ocorre nos tempos recentes, quem mais próximo tenha chegado da capacidade de comunicador científico do Professor de Ciências Físico-Químicas Rómulo de Carvalho do que o Professor de Ciências da Terra António Galopim de Carvalho, os dois partilhando o mesmo nome de família (embora sem qualquer parentesco). Ambos se tornaram mestres das suas ciências e ambos se revelaram mestres das palavras, uma vez que para comunicar o conhecimento científico são precisas palavras. E não quaisquer umas, mas palavras exactas e compreensíveis.

Este livro, se tal fosse preciso, prova-o uma vez mais. Mestre Galopim é o novo mestre Rómulo. Se um conhecia a fundo a ciência dos planos inclinados e dos tubos de ensaio, o outro conhece a dos minérios e dos martelos de geólogo. E, se um dominava em profundidade a língua portuguesa, o outro não lhe fica nada atrás. Ambos conhecem e transmitem nos seus escritos o valor da história: usando palavras sabiamente escolhidas e encadeadas, lembram-nos que as ciências assentam numa acumulação, numa edificação, numa tradição várias vezes centenária. *“Se consegui ver mais longe é porque estava aos ombros de gigantes”*, disse Isaac Newton. E é também por estar aos ombros do mestre Rómulo, que o antecedeu de poucos anos, que mestre Galopim consegue alcançar mais longe na vulgarização da ciência. Se Rómulo escrevia para sair impresso por caracteres de chumbo, Galopim escreve, na senda de

Rómulo, na Internet (em particular, no seu blogue *Sopa de Pedra*, cujo título evoca os eu interesse pela gastronomia portuguesa para além de nos lembrar uma conexão interessante entre geologia e cozinha). Os dois comungam da paixão pela arte. Se o primeiro recorre à expressão poética, para alguns considerada o superlativo da língua, e não hesita em recorrer à expressão dramática e contista, o segundo escreve novelas de raiz auto-biográfica (como *O Preço da Borrega*) e, ademais, para além da arte das palavras, exercita a arte de expressão plástica (não valerá uma imagem mil palavras?).

As Pedras e as Palavras, que o leitor tem entre mãos, é um título muito feliz, diria mesmo lapidar, isto é, digno de ser inscrito em pedra para sobrevivência longa, que é justificado pelo autor logo no início de uma forma plenamente convincente: «**foram dois universos fulcrais na minha passagem por este mundo**». Afinal as primeiras palavras escritas, as palavras que marcam o início da história humana, chegaram-nos através de marcas em pedra, na escrita cuneiforme sobre barro ou na escrita hieroglífica sobre rocha. E, ao longo da história, muitas palavras foram criadas e continuam a sê-lo pelos cientistas da Terra para designar a multiplicidade de pedras que encontramos a nossos pés. Como escreveu o poeta brasileiro Carlos Drummond de Andrade: *No meio do caminho tinha uma pedra / Tinha uma pedra no meio do caminho*. É curioso que a palavra lápis que usamos hoje para designar o instrumento para escrever palavras sobre papel, tenha a mesma raiz que lápide, o que nos recorda que ele é feito de grafite, uma das formas minerais do sexto elemento químico da Tabela Periódica, o carbono. Lápis, como nos lembra o mestre Galopim, vem do latim *lapis*, pedra, e grafite vem do grego *graph*, escrita.

Num sentido metafórico, tal como a superfície do nosso planeta é um conjunto muito numeroso e extremamente diversificado de pedras, também a linguagem, designadamente os poemas que poetas rabiscam em folhas avulsas de papel ou nos seus canhenhos, é uma composição de possibilidades infinitas. Se as pedras servem para construir casas, caminhos e pontes, também a linguagem serve para erguer contos, dramas e poemas.

O que o leitor ávido de saber fica a saber neste livro, um aglomerado de palavras do melhor que mestre Galopim escreveu, é imenso, qualquer que seja a sabedoria dos leitores. Por exemplo, pegando na história do lápis, de entre tantas outras em que poderia pegar, trago à

colação a história do *lapis philosophorum*, a “pedra dos filósofos”. O termo, que se deve ao grande naturalista sueco Carlos Lineu, serve para designar a grafite. Não sabia. Mas também se lhe chama, fiquei ainda a saber, “mica dos pintores”.

Devo confessar que a minha experiência com pedras não foi a mais exaltante nos bancos escolares. Lembro-me de um professor de Ciências Naturais que, sentado na sua secretária perto da ardósia, mostrava de lampejo (se a memória não me traiçoa mandava mesmo ao ar para deixar luzir numa fracção de segundo) um mineral da vasta coleção do liceu, pedindo que o identificássemos. Apesar do brilho ser fugaz, havia logo um aluno mais afoito que alvitrava tratar-se de “pirite”, sendo a pergunta seguinte referente ao sistema cristalográfico respectivo. O jogo consistia em encontrar a correspondência entre as pedras e as palavras em correspondência com elas, um jogo que eu sentia alguma dificuldade em jogar. Se tivesse sido, nesse tempo, aluno do mestre Galopim, poder-me-ia ter tornado num procurador e analisador de pedras, para lhes associar palavras, portanto, num aprendiz de mestre desse jogo. Agora será um pouco tarde. Mas resta-me o consolo de ler as curiosas palavras a propósito de pedras que abundam neste livro e, lembrando os meus tempos de escolar, imaginar o futuro que não tive. Não existiam ainda nessa época já remota os livros de mestre Galopim, que ensinava por Lisboa. Fui, em Coimbra, para o curso de Física porque havia os livros de mestre Rómulo. E aprendi as Ciências Físico-Químicas, tendo desde cedo sentido o impulso de as espalhar, ensinando-as e divulgando-as.

E aqui estou hoje, aluno do mestre Galopim, através não só dos seus livros, mas também e sobretudo do seu extraordinário exemplo de devoção à ciência e à divulgação da ciência. A ciência de pouco pode se não for divulgada, já que ela não é dos cientistas mas de todos. Tal como a ciência de mestre Rómulo, a ciência de mestre Galopim é de todos nós, uma vez que os dois generosamente nos dão a sua ciência.

Muito obrigado, mestre Galopim!

Coimbra, 3 de Novembro de 2014

CARLOS FIOLHAIS

(Professor catedrático no Departamento de Física da Universidade de Coimbra)